



Tânia Alexandre Martinelli



Pai? Eu?!

Ilustrações: Cláudia Ramos

4ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão • Pedro Cunha Júnior (coord.) / Edilene Martins dos Santos / Marcelo Zanon

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • MZolezi

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Produção gráfica • Rogério Strelciuc

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Janáina Audi Urea Ordoñez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinelli, Tânia Alexandre

Pai? Eu?! / Tânia Alexandre Martinelli ;
ilustrações Cláudia Ramos. – 4ª ed. – São Paulo :
Atual, 2009. – (Entre Linhas: Adolescência)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-1016-8

1. Literatura infantojuvenil I. Ramos, Cláudia.
II. Título. III. Série.

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Copyright © Tânia Alexandre Martinelli, 2004.

SARAIVA Educação Ltda.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0XX11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

Todos os direitos reservados.

9ª tiragem, 2017

CL: 810328

CAE: 575970

Sumário



Primeiras decisões 5

A descoberta 8

Aborto ou não? 13

Novas conversas 17

Desabafo 20

Hora de enfrentar os problemas 24

Bronca 30

Final de semana 33

Brigas 40

Almoço de domingo 43

Na rodoviária 46

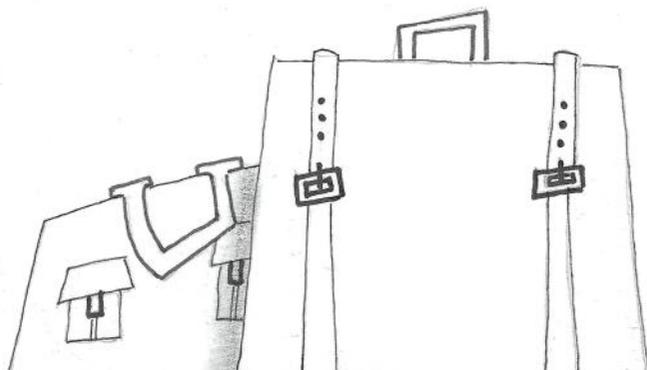
De volta a Santos 49

A família 53

Convite 59

A festa	62
Escolhas	65
Quatro meses	68
Passando mal	72
A DST	76
Preocupações	79
O teste	81
Novas possibilidades	83
Saudades de casa	86
Final de semana feliz	89
Apoio	92
O momento certo	95
Conversa com o tio	100
Dupla felicidade	105
A autora	108
Entrevista	110

*Para
Maria de Lourdes e Osmar Martinelli.*



Primeiras decisões

A conversa começou mais ou menos assim:

– Tem certeza mesmo, Antônio, de que o Luca não vai dar trabalho indo morar com vocês?

– Claro, Agenor! O Luca escolheu bem. Santos é uma cidade muito boa para ele continuar os seus estudos depois. Universidades ótimas. Sei que ele sempre foi muito esforçado, vai aproveitar bem as oportunidades.

– Bom, se você está dizendo...

– Não se preocupe. E você, Luca? O que acha?

– Acho tudo ótimo, tio!

– Pois, então, você termina este ano aqui, termina o seu nono ano direitinho e, no ano que vem, você passa a morar com a gente. Tenho certeza de que você vai adorar a sua nova cidade, Luca!

– Eu também, tio.

E foi assim que me mudei para Santos, há dois anos e pouco. Deixei Urânia, cidade em que meu pai trabalhou a vida inteira com venda de alimentos. Ele é dono de uma mercearia onde eu, desde pequeno, sempre dava uma mão. Chegava da escola, almoçava, fazia todas as lições e depois ia para lá ajudar.

O que aconteceu foi que, já naquela época do novo ano, eu começava a viver um dilema dentro de mim. Ia terminar o ano, cursar o

ensino médio e ficar trabalhando para sempre na mercearia do meu pai? Ia estudar para quê? Seguir que profissão?

Falei para o meu pai que o que eu queria mesmo era me mudar para Santos, arrumar um emprego e fazer faculdade. Quase o deixei maluco de tanto repetir a mesma coisa. É que o meu tio sempre falou que, se um dia eu quisesse estudar aqui em Santos, cidade onde ele, minha tia e minha prima moram há praticamente dez anos, era só falar que todos me receberiam muito bem.

E eu achava que a melhor coisa para mim e para o meu futuro era mesmo vir para cá. Ia ser muito mais fácil do que me mudar, um dia, para uma cidade em que eu não conhecia ninguém.

Como eu disse, meu sonho era estudar, fazer faculdade, escolher uma profissão, ganhar dinheiro, ter uma vida confortável e, quem sabe, depois de tudo isso, formar uma família, ter filhos... sei lá. Mas antes, bem antes mesmo, eu precisava cuidar de mim e do meu futuro.

Demorou um pouco para eu arranjar o meu primeiro emprego aqui. Primeiro emprego... Essas duas palavras assustam muita gente e, como não poderia ser diferente, assustaram a mim também.

É difícil, muitas vezes as empresas querem alguém com experiência, que já tenha trabalhado com isso ou com aquilo... Imagine para quem ainda nunca trabalhou em nada!

Foi somente quando já estávamos quase no final do ano que consegui. Arrumei um emprego numa imobiliária, lugar onde trabalho até hoje.

Eles estavam precisando de alguém para receber os clientes, atender o telefone e ir ao banco. Mais ou menos como um *office-boy*.

Na verdade, foi meu tio quem me deu uma força. Ele tinha um conhecido que trabalhava lá como corretor de imóveis e pediu que ele falasse sobre mim.

Ainda bem que a dona Isabel, a dona da imobiliária, achou que não tinha problema eu nunca ter trabalhado. Disse que daria para me ensinar. Não é todo mundo que pensa assim. Às vezes as pessoas se esquecem que também começaram um dia.

Bom, o fato é que não sou mais *office-boy* há algum tempo. Estou trabalhando agora no escritório mesmo. Decidiram contratar uma recepcionista e um outro rapaz faz hoje o serviço de banco.

Gosto do meu trabalho, ele me ajuda a me manter aqui em Santos na casa dos meus tios. Sempre tive na minha cabeça que eu viria para cá a fim de estudar, trabalhar e me sustentar com o meu trabalho. Não tinha cabimento eu deixar tudo por conta dos meus tios ou ficar dependendo exclusivamente de os meus pais me mandarem dinheiro.

Claro que eu precisei algumas vezes e eles me quebraram o maior galho, como na época em que eu fiz um curso de informática e não tinha nem emprego. Eu não tinha grana para bancar o curso e foram os meus pais que me deram essa força.

Depois foi mais fácil, quando eu arranjei este emprego. Claro que eu não deixei de pensar em melhorar a vida, em conseguir tudo o que eu sempre tinha sonhado, enfim, de lutar em busca dos meus objetivos.

Mas a sensação que eu tenho é de que a ordem das coisas, dos meus sonhos, foi atropelada de uma hora para outra. De repente uma tempestade começou a desabar sobre mim e eu não sabia mais em que pensar. Simplesmente, não conseguia.

Às vezes sinto uma saudade lá de Urânia! Da minha escola, da turma, daquela molecada, da minha infância, da falta de responsabilidade. Tudo agora tinha um outro peso. Tudo.

A minha prima, a Thaís, é um ano mais nova que eu. Estudamos na mesma escola, só que ela na parte da manhã, pois, ao contrário de mim, a Thaís ainda não trabalha. Ela e a Cláudia estão na mesma classe.

A Cláudia... A gente se conheceu por causa da Thaís. São superamigas já há muito tempo. Só elas não, a família toda é muito amiga. Foi o pai dela que deu a maior força para o meu tio quando ele chegou aqui com a família.

Acabei ficando com a Cláudia algumas vezes, mas, de verdade, nunca namoramos. Tá certo, a Cláudia é uma garota legal e tudo, mas na minha cabeça a gente só estava curtindo o momento. Isso era o que eu achava e achava que ela também pensasse assim.

Sei lá, depois do que ela me disse... Mas, por outro lado, por que não deixar a Cláudia resolver tudo e pronto?

Quem sabe assim não fosse melhor mesmo para todo mundo?



A descoberta

O que aconteceu foi o seguinte: eu tinha acabado de chegar do meu trabalho e topei com a Cláudia mais a Thaís me esperando na varanda da casa dos meus tios. Claro, minha casa também.

Só que a Thaís entrou assim que eu cheguei. Ela estava com uma cara! Nossa! Parecia que tinha visto um fantasma.

Também, eu não podia nem imaginar que a Cláudia fosse falar o que falou:

- Tô grávida.
- Quê?
- Tô grávida.
- Não pode ser!
- Mas é.

Assim. Foi desse jeito que ela me deu a notícia. Pode isso?

Meu coração batia acelerado. Parecia que tinha uma bomba dentro de mim. Tentei me refazer do susto e falei, quando consegui:

– Você... você tem certeza, Cláudia?

Ela me respondeu com certa impaciência:

– Eu tenho, Luca, eu tenho. Já fiz o exame.

Eu estava bastante assustado. E surpreso.

– Mas... você não me falou nada... não me contou que suspeitava...

– E ia falar pra quê, Luca? – ela me interrompeu. – A gente nem tem ficado mais!

Fiquei sem ação. Depois de um tempo, ela continuou, olhando para mim, com um jeito de pouco caso:

– Eu nem ia mesmo te contar, só que aí a Thaís ficou falando, falando...

Ela parou de falar. Eu também não disse mais nada. Ficou aquele silêncio.

Comecei a andar de um lado para outro. Coloquei a mão na testa, respirei várias vezes seguidas. Estava ficando gelado. Suando.

Não era possível que tudo isso estivesse acontecendo comigo. Não era possível! Se eu fosse um cara que transasse com toda garota que aparecesse, vá lá. Mas, poxa! A Cláudia tinha sido só a segunda menina com quem eu tinha transado na minha vida! E também nem foram tantas vezes assim. Por que esse azar tinha que acontecer logo comigo, me diz?

Olhei para ela novamente.

– Senta aqui, Cláudia.

Puxei a Cláudia para se sentar junto comigo num degrau que tinha no final da varanda. Ela se sentou. Sentou e ficou olhando para mim. Parecia que estava esperando que eu dissesse alguma coisa. Mas eu ia falar o quê? Eu estava era com um nó na garganta, isso sim.

Mas ela falou primeiro, com uma cara de quem parecia ter resolvido alguma coisa:

– Eu não quero ser mãe, Luca.

Peguei na mão dela. Sei lá, queria confortá-la, mas sentia que eu é que estava precisando de conforto naquela hora. Mesmo assim tentei, falando com a voz mansa:

– E o que é que a gente pode fazer, Cláudia? Você mesma disse que já confirmou... Não tem jeito...

– Tem, sim. Eu não quero ser mãe – ela repetiu, enfática. – Eu vou tirar esse bebê.

– Você vai o quê?

Levei um baita susto. Outro.

– Eu vou tirar, Luca. Eu estou de dois meses e ninguém ainda sabe dessa gravidez, só contei pra Thaís. É só fazer tudo rápido que ninguém, mas ninguém mesmo vai ficar sabendo de nada!

– Mas, Cláudia, você tem certeza?

– Tenho. Eu não posso dar esse desgosto pro meu pai. Nem pra minha mãe. Você sabia, Luca, que o meu pai tem problema no coração? Você acha que ele ia aguentar uma decepção dessas?

Eu não disse nada. Só fiquei olhando para ela, sem saber o que dizer.

Acabei nem indo para o colégio nessa noite. Eu e a Cláudia precisávamos conversar direito, por isso eu a chamei para dar uma volta.

A gente ficou um tempão sem falar nada. Ficamos caminhando devagar, algumas vezes respirando fundo, acho que tentando entender por que é que a gente tinha que passar por uma coisa dessas. Eu não achava justo. Nem um pouco.

– Luca... – Ela começou.

– O quê?

– Você acha que eu vou fazer a coisa certa?

– Sei lá...

Continuamos caminhando devagar, olhando para frente, para o vazio. Depois de um tempo, ela me perguntou:

– Você quer ser pai, Luca?

Pai. Aquilo quase me matou. Doeu. Me alucinou. Claro, porque até então eu só tinha pensado: a Cláudia tá grávida, a Cláudia tá grávida, a Cláudia tá grávida. Não tinha pensado nada nesse negócio de pai.

Pai? Eu?!

Andamos durante mais algum tempo em silêncio. Era difícil responder, avaliar, pensar em toda essa situação em menos de uma hora, tempo em que eu tinha ficado sabendo de tudo.

– E então, Luca?
– Bom, Cláudia, quem é que quer ser pai aos 17 anos?
– E eu que ainda tenho 16...
– Mas também...
– Também o quê?
– Será que é certo, Cláudia? Será que a gente tem esse direito?
Será que a gente ainda pode optar por querer ou não querer ser pai ou mãe nesta altura dos acontecimentos?

Cláudia retomou a conversa:

– A Thaís não acha certo.

Olhei para ela com os olhos arregalados.

– Você contou pra ela que quer tirar o bebê?

A Cláudia fez uma cara de que isso não tinha a menor importância.

– Conte, é claro! Eu precisava falar com alguém.

Aí ela olhou para mim, com uma cara de brava:

– Você pensa que está sendo fácil, Luca?

Balancei a cabeça, imediatamente.

– Eu sei que não, Cláudia. Aliás, eu nem sei como você tem aguentado segurar tudo isso sozinha até agora... Você é muito forte.

Ela deu uma risada, com ar de deboche.

– Forte... Muito forte... Acabei de dizer para você que eu não quero...

– Mas não é culpa sua, Cláudia! Você disse que o seu pai...

– Além disso, eu não posso ser mãe, Luca! Você acha que eu tenho condições? Eu tenho só 16 anos, poxa!

– Nem você nem eu...

– Então? Não tem nada a ver eu ter um bebê agora!

Ela respirou fundo antes de continuar. Depois, soltou todo o ar de uma só vez:

– Um bebê! Que loucura, meu Deus! Que loucura!

Eu concordei com ela:

– Você tem razão, Cláudia. Um bebê agora não tem mesmo nada a ver com você. Nem comigo. É uma loucura...

Ela me olhou outra vez. Segurou em meu braço e me fez parar de caminhar.